

# Significados da leitura para o jovem Nietzsche<sup>1</sup>

Hélio Sochodolak\*

## **Aprender a ler: os significados iniciais da leitura para o jovem Nietzsche**

Vasculhando a autobiografia de Nietzsche, à maneira de um hermenêuta ou genealogista preocupados com imperceptíveis e empoeirados sinais, encontramos evidências sobre a leitura e que nos auxiliam a problematizar algumas questões acerca dos significados da leitura para o jovem Nietzsche. A princípio, notamos que desde criança ele foi intensamente estimulado à leitura devido à grande oportunidade de contato com os livros e com a leitura na casa paterna e na dos avós. Desde cedo, representou suas apropriações desses estímulos que o ajudaram a atribuir um sentido à sua vida, se autoconhecer e encontrar o seu lugar no mundo. Observamos que suas representações sobre a leitura vão adquirindo um significado político e contestatório para com as formas de ler, ensinadas na Alemanha da segunda metade do século XIX. Convidamos o leitor a seguir uma parte do itinerário de um leitor especial, o itinerário de um jovem espírito filosófico.

### *Ler e compor como forma de reconhecimento*

Sua mãe o ensinou a ler e escrever, antes mesmo que o menino ingressasse na Escola Primária de Naumburg.

---

<sup>1</sup> O texto a seguir é parte integrante de minha tese de doutoramento: *O Jovem Nietzsche e a leitura*, defendida na Universidade Estadual Paulista – campus de Assis, sob a orientação do professor Hélio Rebello Cardoso Júnior. Com algumas alterações, o presente artigo reproduz parte do primeiro capítulo da referida tese intitulado *Combatendo elementos não livres*.

\* Departamento de História – UNICENTRO/Irati

Uma das recordações mais vivas de sua primeira infância foi a do escritório onde seu pai preparava suas pregações destinadas à pequena igreja luterana da cidade de Röcken. No escritório, estantes repletas de livros, muitos deles com numerosas ilustrações, as quais faziam daquele lugar o seu preferido na casa.<sup>2</sup>

Por sua vez, a primeira escola em que Nietzsche estudou primava por uma educação tradicional com forte acentuação para o uso canônico da língua. Desta feita, além de preceitos religiosos luteranos, que era uma das tônicas da Escola de Naumburg, Nietzsche estudou latim e grego. A tônica de seus estudos era a Língua Alemã, o que não o livraria de, aos quinze anos, escrever ainda algumas palavras com erros ortográficos (escrevia *Gedraite* em lugar de *Getraide* (trigo))<sup>3</sup>.

A esse respeito, nos alerta Janz: "... seu sentido de língua foi definido já em seus primeiros anos juvenis, de acordo com o modelo clássico, o que ao longo de sua vida o incitou a uma literatura enquanto cânon aceitável, nunca por fontes dialéticas ou recursos retóricos do cotidiano."<sup>4</sup> Ou seja, a língua significou para Nietzsche, desde sua infância, algo de culto, de valor a ser preservado e cultivado através da arte literária.

Para além desses estímulos familiares, o círculo de amizades que Nietzsche freqüentou, na primeira etapa de sua formação, lhe foi muito proveitoso neste sentido. Dois foram os seus amigos mais próximos neste momento Wilhelm Pinder e Gustav Krug. Como Nietzsche freqüentava assiduamente a casa de seus companheiros pôde entrar em contato também com os estímulos que eles recebiam.

O pai de Pinder era muito interessado por poesia clássica e lia freqüentemente para os meninos, entre outros

---

<sup>2</sup> Cf. NIETZSCHE, F. *Écrits Autobiographiques. 1856-1869*. Trad. Marc Crépon. Paris: Presses Universitaires de France, 1994. p. 16.

<sup>3</sup> Cf. JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche* vol. 1: Infância y juventud. Trad. Para o espanhol de Jacobo Muñoz. Madrid: Alianza Editorial, 1978. p. 47.

<sup>4</sup> *Ibidem*. p. 47.

textos, partes de *Lövennovelle* de Goethe. Ao que tudo indica, este foi o primeiro contato de Nietzsche com os textos de Goethe. Também, na casa dos Krug, a música era o *métier*; lá se reuniam não só os músicos de Naumburg como todos os músicos que vinham visitar a cidade. Acerca destas amizades e influências, Nietzsche se expressou com grande carinho nos seus escritos autobiográficos onde agradece a Deus pelos companheiros e suas famílias e conclui com satisfação: “Ah, jamais me esquecerei desta época!”<sup>5</sup>

Ou seja, percebemos que, desde a infância, o jovem leitor Nietzsche esteve em contato com um universo cultural favorável e estimulante para a leitura e sua relação com a escrita. Certamente, por isso, ele traçou o objetivo de escrever artisticamente e compor músicas. À música Nietzsche dedicou boa parte de sua juventude. É sobre ela que ele escreveu em sua autobiografia juvenil *Minha vida*:

Deus nos deu a música para nossos olhares se voltarem em primeiro lugar para o céu. Ela reúne em si todas as qualidades, ela pode ser uma elevação, ela pode nos divertir. Com suas notas doces e melancólicas, ela pode suavizar os corações mais selvagens. Mas sua vocação principal é de dirigir nossos pensamentos para o céu, de elevar nossa alma, e mesmo nos purificar. (...) Na música, as notas penetram mais profundamente que as palavras na poesia e a arte musical atende os desejos mais secretos do coração.<sup>6</sup>

Notamos aqui o reconhecimento, por parte de Nietzsche, de que a melhor e mais perfeita forma de arte e expressão é a música, neste momento identificada com a música sacra. Este aspecto de sua formação, Nietzsche encontrará ressonância posterior nos escritos de Schopenhauer e na obra de Wagner. Leituras que serão extremamente agradáveis a partir do inverno de 1865, período que marca seu primeiro contato com a obra maior de Schopenhauer.

Ao ingressar no Liceu (1858), Nietzsche fez um balanço

---

<sup>5</sup> NIETZSCHE, F. Ma vie (I) Les années de jeunesse 1844-1858. In: *Écrits Autobiographiques. 1856-1869*. p. 28.

<sup>6</sup> NIETZSCHE, F. Sur la musique. In: *Écrits Autobiographiques 1856-1869*. p. 37.

de sua formação intelectual e sentimental, mostrando que jamais superou a morte do pai que teria marcado muito sua infância. Sobretudo, vangloriou-se de sua produção artística, seja ela musical, composta quase que exclusivamente por músicas sacras, ou literária, esta composta por 46 poemas listados por ele em sua autobiografia e divididos em períodos.

Acerca dos poemas, desculpava-se pela incipiência do estilo ainda em vias de construção e reconhecia sua maior inspiração: Goethe, “um modelo de pensamento rico, claro e profundo”<sup>7</sup>. O que pode ser observado neste momento é que Nietzsche desenvolveu, em paralelo à sua capacidade de leitura, uma necessidade enorme de escrever e de ser lido. Neste sentido, fez projetos de escrever pequenos livretos e de encaminhá-los aos seus amigos, seus leitores, além de sua mãe e eventualmente sua irmã. Prezava a quantidade e a qualidade de sua produção; este último aspecto considerado o mais trabalhoso, uma vez que, em termos técnicos, não dominava ainda nem a versificação nem a rima.<sup>8</sup>

Sobre isto nos escreveu Nietzsche:

Em meu terceiro período poético, eu procurei conciliar os dois primeiros, quer dizer, unir graça e vigor. Eu não posso julgar ainda em que medida eu consegui. Este período começou em dois de fevereiro de 1858, dia do aniversário de minha querida mãe. Eu tinha o hábito de lhe remeter uma pequena coleção de poemas. Assim, dediquei-me à poesia e me esforçava para compor um poema a cada noite. Eu tentava escrever o mais simples possível, mas logo desistiria. Pois um poema, para ser compreendido, deve sem dúvida, ser o mais simples possível, mas ele deve conter em cada uma de suas palavras, a verdadeira poesia.<sup>9</sup>

O que salta aos olhos do leitor da autobiografia juvenil de Nietzsche, é sua motivação em compor poesias, apesar de ter sido considerada uma tarefa complexa de se realizar pelo próprio autor. Propõe-se fazê-lo num ritmo intenso e num estilo capaz de unir graça e vigor. Isso nos aparece como um forte indicativo de seu relacionamento intenso com a

---

<sup>7</sup> *Ibidem*. p. 39.

<sup>8</sup> Cf. JANZ, Curt Paul. *op. cit.* p. 49.

<sup>9</sup> NIETZSCHE, F. *Écrits Autobiographiques 1856-1869*. p. 38.

leitura e com a produção literária. Para Nietzsche importou, neste momento, a disciplina física para a leitura e para a escrita. Horas a fio dedicadas a este processo. Bem sabemos que esta será uma tônica em toda a produção do filósofo. Logo, não só leitura, mas produção intensiva de textos.

*Leitura quantitativa e aquisição de formação universal*

Nas correspondências do Nietzsche estudante, até mesmo em Bonn e Leipzig, notamos uma grande quantidade de menções aos livros, seja demandando-os de presente, seja comentando algum que já havia lido. Ao que parece, o presente mais apreciado por Nietzsche era o livro. E, para tanto, relacionava, especialmente para sua mãe, quais desejava de presente. Da mesma forma, lamentava-se quando não os recebia.

Por exemplo, em fins de setembro de 1861, de Pforta, escreveu para sua mãe pedindo que lhe encadernasse alguns fôlios de música e que lhe comprasse um livro em substituição ao que havia pedido anteriormente sem sucesso, uma vez que este se apresentara muito caro. Pediu então: “R. Schumann, op. 98 *Requiem para Mignon, para piano. Editorial Breitkopf & Härtel.*”<sup>10</sup> Solicitou-o como presente de aniversário e na mesma correspondência mandou seu boletim escolar com as excelentes notas que conseguiu no período; usava-as como argumento para endossar o seu pedido.

De natureza semelhante é a correspondência de outubro de 1863, que remeteu um dia após o seu aniversário de 19 anos à sua mãe e irmã. Nela agradeceu os preciosos regalos e guloseimas que elas lhe enviaram, as quais foram apreciadas por todos os seus companheiros. Agradeceu, sobretudo, ao envio de um livro, apesar de não ser o que tinha demandado, mas mesmo assim, ficou satisfeito. Agradeceu também à tia Rosália que também lhe enviou um volume. Ou seja: desejava veementemente o contato com os livros: para aumentar seu conhecimento universal.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> NIETZSCHE, F. *Correspondência*. Trad. Felipe González Vicen. Madrid: Aguilar, s/d. Carta 02. À Franziska Nietzsche: setembro de 1861.

<sup>11</sup> NIETZSCHE, F. *Correspondance I Juin 1850- avril 1869*. Textes établis par Giorgio Colli et Mazzino Montinari. Paris: Gallimard, 1986. Cartas

Esta idéia pode ser reforçada se tomarmos por base os escritos autobiográficos de Nietzsche. Neles há inúmeras menções a livros demandados à sua família e a expectativa em recebê-los principalmente na época do aniversário. Assim, por exemplo, em sete de agosto de 1859, portanto antes de completar 14 anos, Nietzsche ressaltou em sua autobiografia:

Em alguns meses será meu aniversário. Eu ainda não firmei o presente que desejo receber, se as obras de Gaudy e de Kleist, se o *Tristram Shandy* de Stern.<sup>12</sup>

E no dia seguinte escreveu:

Eu me decidi em comprar **A vida e as opiniões** de Tristram Shandy e a pedir Dom Quixote para o meu aniversário. Eu espero dispor do dinheiro necessário daqui seis semanas.<sup>13</sup>

Prosseguiu alguns dias mais tarde:

Sem dúvida receberei meu *Tristram Shandy* na próxima semana. Eu pedi à Lisbeth para procurá-lo o mais rápido possível. Eu estou muito desejoso de tomar conhecimento de seu conteúdo.<sup>14</sup>

Podemos notar a ansiosa espera pelo contato físico com o livro que demonstrou Nietzsche. Desejo do conhecimento que este comporta, é o que nos apontou. Nesta direção, revelou para seus amigos, especialmente a Deussen e a Gersdorff em várias oportunidades, o desejo de trabalhar como voluntário na Biblioteca Imperial de Paris para estar mais próximo dos livros<sup>15</sup>. Sentia-se atraído por eles e revelou que não reivindicava a si mesmo mais do que o título de *rato de biblioteca*<sup>16</sup>.

---

389 e 392. À Franziska et Elisabeth Nietzsche: 16 e 19 de outubro de 1863.

<sup>12</sup> NIETZSCHE, F. *Écrits autobiographiques 1856-1869*. p. 49.

<sup>13</sup> *Ibidem*. p. 50.

<sup>14</sup> NIETZSCHE, F. *Écrits autobiographiques 1856-1869*. p. 58.

<sup>15</sup> Vale mencionar as cartas de abril de 1867 onde escreve primeiro a Deussen, depois a Gersdorff, acusando explicitamente seu desejo de trabalhar por um ano na Biblioteca Imperial de Paris.

<sup>16</sup> Revela isto a Gersdorff em correspondência de 6 de abril de 1867. Cf. NIETZSCHE, F. *Correspondência*. Carta 20.

Mesmo nas férias escolares de Pforta, quando passou alguns dias na casa de seu avô materno, o mesmo que Nietzsche quando criança flagrou muitas vezes escrevendo profusamente para desabafar<sup>17</sup>, sua ocupação principal era “passar as horas no escritório de seu avô, revolvendo livros e cadernos antigos.”<sup>18</sup> Neste sentido, nos aponta Janz: “Livros, livros, e livros! Quando podia retirar-se com eles ao horto, a algum rincão sob as árvores, vivia realmente.”<sup>19</sup> Assim, o programa preferido de Nietzsche durante as férias escolares era visitar diariamente a biblioteca. A princípio, Nietzsche orgulhou-se de tal proeza, uma vez que a quantidade de livros lidos, e a sua intimidade com eles significavam erudição, moeda valiosa entre seus amigos mais próximos.<sup>20</sup>

O jovem Nietzsche se mostrou muito preocupado em consolidar a sua formação intelectual, passando pela música e pelos autores da Antiguidade bem como por textos de seus companheiros de Associação (primeiro a Germânia e depois a Franconia)<sup>21</sup>. Assim, Nietzsche em sua juventude teve uma relação muito próxima e intensa com os livros e a leitura, tanto que sua mãe necessitava intervir constantemente de forma a evitar o sedentarismo no jovem leitor. Estimulava-o a praticar exercícios físicos regulares, tais como natação e patinação.<sup>22</sup>

<sup>17</sup> Cf. JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche* vol. 1. p. 36.

<sup>18</sup> *Ibidem*. p. 56.

<sup>19</sup> *Ibidem*. p. 55.

<sup>20</sup> Nietzsche não manteria o mesmo posicionamento quantitativo sobre a leitura, sobretudo após ler Schopenhauer, especialmente *Parerga e paralipomena* onde o filósofo tece picantes críticas à erudição universitária e acadêmica de modo geral.

<sup>21</sup> Em 1862, Nietzsche fundou com alguns amigos uma sociedade de autoformação: a *Germânia*. Nos estatutos aparecia a seguinte recomendação: “Cada um é livre para trazer uma composição musical, um poema ou um ensaio. Mas todos são obrigados a escrever no ano pelo menos seis ensaios...”. Em 1864, ao mesmo tempo em que iniciou seus estudos de teologia e filologia clássica em Bonn, aderiu a uma Associação filológica de nome Franconia. Porém, no ano seguinte, a abandonou por não concordar com seu “materialismo cervejeiro” Cf. SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche: biografia de uma tragédia*. Trad. Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001. p. 325-327

<sup>22</sup> Cf. JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche* vol. 1. p. 55.

Podemos notar a satisfação e a insistência para com aquelas leituras que considerou de difícil compreensão:

Eu recebi o meu Tristram Shandy. Neste momento não cesso de ler e de reler o primeiro volume. Ao fim não compreendi quase nada, ao ponto de ter me arrependido um pouco de tê-lo comprado. Mesmo assim, não sou capaz de interromper a leitura e tomo nota de todos os pensamentos que me aparecem. Jamais eu havia sido confrontado com um tal conhecimento universal das ciências e uma tal análise do coração.<sup>23</sup>

A leitura difícil de Stern não desanimou o jovem leitor. Seu desejo de conhecimento parecia estar impresso em seu espírito como algo indelével. Assim, relê o que não entendeu e segue em sua busca. Não podia ser diferente, a formação e os estímulos que recebeu, até então, o impeliam a continuar. Já, neste momento, demonstrava grande maturidade na escrita como podemos observar em seus apontamentos autobiográficos que incluem um elevado grau de profundidade. O que não o impediu de reclamar constantemente da dificuldade em compor em alto estilo os seus poemas.

O jovem Nietzsche não se deteve, naturalmente, em um conhecimento específico ou especializado. Seu desejo era por uma formação universal. “Atualmente estou tomado por um imenso desejo de saber, de conhecimento universal. É Humboldt que me indicou esta direção”<sup>24</sup>, nos declarou.

Buscava o conhecimento, mas seu interesse era múltiplo. Ele contemplava música, poesia, história, geografia, matemática, arquitetura, artes da guerra, pintura, literatura, geologia, astronomia e mitologia. Enfim, mostrou-se interessado por todo o conhecimento disponível em seu tempo e que teve ou quis ter acesso. Nesta direção, fez uma tentativa de organização do conhecimento adquirido e, ao que parece o dispôs por ordem de preferência. Registrou estes dados em sua autobiografia juvenil:

---

<sup>23</sup> NIETZSCHE, F. *Écrits autobiographiques 1856-1869*. p. 78.

<sup>24</sup> *Ibidem*. p. 79.

I – Os prazeres da natureza:

- a) Geologia;
- b) Botânica;
- c) Astronomia.

II – Os prazeres da arte:

- a) Música;
- b) Poesia;
- c) Pintura;
- d) Teatro.

III – A imitação da ação e das práticas humanas:

- a) A guerra;
- b) A arquitetura;
- c) A marinha.

IV – A preferência pelas ciências:

- a) Escrever em latim em um bom estilo;
- b) A mitologia;
- c) A literatura;
- d) A língua alemã.<sup>25</sup>

Vale notar que o jovem Nietzsche, então com 15/16 anos, em suas férias de verão, apresentou alguns dos conhecimentos com que entrou em contato em sua formação escolar até o momento. Os conhecimentos estão organizados por grupos seguindo uma classificação determinada por ele e escalonada segundo seus próprios critérios.

É interessante ressaltar que alguns conhecimentos foram agrupados enquanto “*prazeres*” ao passo que outros, apesar de figurarem como preferências, não seguiram a mesma designação, o que poderia indicar uma ordem de gosto pelo acesso através da leitura ou ainda das aulas que o jovem Nietzsche assistiu em Pforta, ou mesmo em Naumburg.

Assim, entre os “*prazeres da natureza*” Nietzsche apresentou a geologia em primeiro lugar, seguida de botânica e da astronomia. Da mesma forma, entre os “*prazeres da arte*”, apresentou em primeiro lugar a música seguida da poesia, da pintura e do teatro. Isto pode ser compreendido pela sua formação artística. Bem sabemos do intenso estímulo, com relação à música, recebido por Nietzsche desde

---

<sup>25</sup> *Ibidem.* p. 80-81

criança, por exemplo, quando freqüentou a casa dos Krug, um ambiente altamente dirigido para a música, entre outros estímulos.<sup>26</sup> Por exemplo, no rol de suas produções artísticas, figuravam tanto composições musicais quanto poemas. É bem verdade que os poemas superaram em quantidade as composições musicais. Por outro lado, apesar de figurarem como prazeres seus, a pintura e o teatro não foram praticados por Nietzsche, mas apenas admirados.

O terceiro ponto da lista é relacionado à imitação da ação e às práticas humanas. A guerra é pontuada em primeiro lugar, o que nos parece bastante revelador da formação de Nietzsche. É sabido que na escola, em Naumburg, iniciou com seus amigos a confecção de um dicionário da guerra. Este trabalho não veio a obter finalização. Da mesma forma, as brincadeiras preferidas eram as de representações bélicas com soldadinhos de chumbo.

Segundo o próprio Nietzsche, a Guerra da Criméia (1853-1855), entre Turcos e Russos foi acompanhada com grande interesse e representada até o seu desfecho na batalha de Sebastopol onde a Torre de Malakoff foi tomada pelos turcos. Essas brincadeiras eram estimuladas pelo diretor e professor da escola, o professor Weber. Assim, os pequenos alunos, não só brincavam tendo como temática a guerra, como também escreviam pequenos livretos de estratégias onde exercitavam o seu gosto pela disputa bélica além de seu sentido de nação.<sup>27</sup>

A arquitetura foi uma descoberta por parte de Nietzsche, especialmente em suas viagens de férias, ao menos é o que relatou no verão de 1859, quando visitou seus tios, que ainda não conhecia, em Deutschentel. Em seus registros, além de apresentar novas leituras a que teve acesso, tal como a leitura de Novalis, Geibel, Redwitz e Viechhoff que comentou os poemas de Schiller, apresentou relatos pormenorizados da arquitetura dos locais que visitou

---

<sup>26</sup> Acerca do desempenho musical do jovem Nietzsche ver JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche* vol. 1. p. 51 *et. seq.*

<sup>27</sup> NIETZSCHE, F. *Écrits autobiographiques 1856-1869*. p. 23.

com o tio. Muitas vezes, através de uma aguda observação dos aspectos arquitetônicos, sentiu-se como que inebriado pelo ideal romântico de valorização da Idade Média.<sup>28</sup>

No último bloco, Nietzsche apresentou sua preferência pelas ciências do espírito, representadas pelo estudo do latim escrito em bom estilo, pela mitologia, pela literatura e pela língua alemã colocada em último lugar. O estilo da escrita como podemos reafirmar, figurou-se como uma das grandes preocupações de Nietzsche. Posteriormente, lamentou o fato de ter escrito sua autobiografia juvenil por não possuir, naquele momento, justamente um estilo de que pudesse se orgulhar.<sup>29</sup>

Ao que nos consta, ao lado da aquisição de um conhecimento universal, desenvolver um estilo próprio era um dos maiores objetivos que Nietzsche buscou em suas leituras. Isto reforça a premissa de que, através da leitura e do desenvolvimento da escrita, ele tinha por objetivo, acima de tudo, descobrir e revelar seu próprio estilo. Reconheceu então a necessidade de imitação, e o grande papel que suas leituras desempenharam: Goethe, Schiller e Schopenhauer em especial. É através da imitação que a criança aprende para poder criar por si mesma sem a necessidade de guias.

Ainda acerca destas últimas preferências do jovem Nietzsche, convém ressaltar que ele demonstrava, já neste momento, sua inclinação pela filologia e pela Antiguidade. O que fica evidente quando destaca a mitologia e a literatura como “*ciências*” preferidas. Fato que consumou quando, logo no início do estudo da teologia em Bonn, apresentou sua desistência em seguir a profissão de teólogo e se identificou com Ritschl, seu querido professor de filologia clássica.

Convém ressaltar que não há a presença nem espaço nesta quádrupla relação de saberes para a matemática, a grande dificuldade de Nietzsche durante a sua formação

---

<sup>28</sup> Apresenta esta sensação ao visitar o vilarejo de Kunitzburg com o seu tio. Ver. NIETZSCHE, F. *Écrits autobiographiques 1856-1869*. p. 76.

<sup>29</sup> Por exemplo em NIETZSCHE, F. *Correspondência*. Carta 06. A Gersdorff: 06 de abril de 1867.

escolar, ao menos é o que nos indicam os biógrafos<sup>30</sup> e o próprio Nietzsche, no aforismo 195 de *Aurora*. Todavia, a matemática não estava de todo ausente dos projetos de Nietzsche neste momento; se não aparecia como um dos saberes na taxionomia de suas preferências, ela apareceria juntamente com as artes, em seus projetos de formação futura e/ou aprofundamento de estudos:

V – O desejo profundo de uma formação universal que fundamente todas as outras ciências e muitas das coisas novas para mim:

**As línguas**

- 1) O hebreu
- 2) O grego
- 3) O latim
- 4) O alemão
- 5) O inglês
- 6) O francês, etc.

As artes

- 1) As matemáticas
- 2) A música
- 3) A poesia
- 4) A pintura
- 5) A escultura
- 6) A arquitetura, etc.

**As imitações**

- 7) A ciência militar**
- 8) A ciência marítima
- 9) O conhecimento das diferentes indústrias, etc.

O saber

- 1) A geografia
- 2) A história
- 3) A literatura
- 4) A geologia
- 5) A história natural
- 6) A Antiguidade, etc.

---

<sup>30</sup> Cf. JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche* vol. 1. p. 66-67.

Sobretudo a religião que é o fundamento de todas as ciências!  
Imenso é o domínio do saber, infinita a procura da verdade!<sup>31</sup>

Nota-se que o plano de formação que Nietzsche apontou em sua autobiografia era abrangente e diversificado. Assim, num primeiro momento, Nietzsche apresenta uma hierarquia de seus gostos acerca do saber pontuando as áreas que lhe fornecem maior prazer ao conhecer, ou seja, os conhecimentos referentes à natureza e à arte.

Num segundo momento, Nietzsche apresenta-nos um projeto de estudos igualmente universais que, dividido em grandes áreas, incluía a matemática no campo das artes e a história no campo do saber. Mas também a escultura, no campo das artes, o conhecimento sobre as diferentes indústrias no campo das imitações e outras línguas que não apareceram a princípio no quadro de suas preferências, tais como o grego, o inglês e o francês. A cada grande área e seus componentes, Nietzsche conclui com um enigmático *etc.*, indicando que não se tratava apenas destes conhecimentos, mas muitos outros.

É interessante levantar a hipótese provável que este gosto pelo universalismo tenha sido cravado em Nietzsche pela escola de Pforta. Acerca disto, escreveu Nietzsche a Gersdorf, em 25 de maio de 1865, comentando sobre seus professores em Bonn, em particular Springer, um renomado professor de história da literatura.

Acredito que você (Gersdorff) tenha inclinação e capacidade para estudar língua e literatura alemãs, e o que é mais importante, que terá força de vontade para abarcar o enorme e nem sempre interessante material próprio deste terreno. Para isto temos adquirido uma boa preparação em Pforta.<sup>32</sup>

E, na mesma correspondência, após revelar seu desejo de abandonar o estudo da teologia em prol da filologia, de abandonar Bonn e estudar em Leipzig e de tomar partido de

---

<sup>31</sup> NIETZSCHE, F. *Écrits autobiographiques 1856-1869*. p. 81..

<sup>32</sup> NIETZSCHE, F. *Correspondência*. Carta 09. A Gersdorff: 25 de maio de 1865.

Ritschl em sua polêmica com Otto Jahn, teceu o seguinte comentário onde avaliou o ensino de sua antiga escola:

Já entreguei há tempo meu trabalho sobre Danae, assim fui aceito como membro provisório do seminário filológico (refere-se a Leipzig). Havia apenas quatro postos para membros fixos e três deles foram conquistados por antigos alunos de Pforta: Haushalter, Michael e Stedtefeld. Trata-se de um grande triunfo para a velha Pforta. No dia de sua festa anual, todos os antigos alunos se encontraram aqui. Enviamos um telegrama ao claustro dos professores, recebendo um retorno muito amável.<sup>33</sup>

Ou seja, o jovem estudante de teologia, convertido à filologia, sentia-se muito preparado para os novos desafios, assim, mostrou-se orgulhoso de ter freqüentado uma escola com as características de Pforta. É por conta deste orgulho que continuou a escrever sua autobiografia após ter concluído sua formação na velha escola de Schiller.

*Formação escolar; extra-escolar e leitura intensiva: avaliando experiências*

Nos escritos do ano de 1864, Nietzsche revelou que seu objetivo com sua autobiografia era deixá-la como uma herança à sua escola que para ele, "... exerceu sobre minha formação espiritual uma influência considerável e inesquecível..."<sup>34</sup> Podia perceber que novos olhares se apresentavam ao seu espírito e um círculo maior da cultura podia ser vislumbrado, um novo rumo no caminho já indicado pelas sendas abertas a partir de seus estudos humanísticos em Pforta.

Um aspecto do método didático de Pforta destacado por Nietzsche, que nos salta aos olhos, inclusive pela relevância que pareceu desempenhar na figura do leitor desejado por ele, é o aspecto da constante revisão do saber, incluída na metodologia da aprendizagem escolar. Assim, ao anunciar os horários de sua escola interna, Nietzsche não deixou de destacar os momentos dedicados à revisão do que fora

<sup>33</sup> *Ibidem. loc. cit.*

<sup>34</sup> NIETZSCHE, F. *Écrits autobiographiques 1856-1869*. p. 132.

aprendido. Vejamos a organização do tempo e dos trabalhos normais do período da manhã na escola de Pforta:

As portas do dormitório são abertas às quatro horas da manhã. A partir deste momento, cada um está livre para se lavar. Às cinco horas, ao som do sino, todo mundo deve ter terminado. Os supervisores dos dormitórios chamam em um tom ameaçador: “Vamos, vamos, saiam da cama!” E eles punem aqueles que demoram em deixar as cobertas. Cada um, então, depois de se pentear rapidamente o melhor possível corre para o banheiro para encontrar ainda um lugar, antes que todos sejam ocupados. Dez minutos depois desse asseio rápido, voltamos aos quartos e cada um deve por ordem em suas roupas. Às cinco e vinte e cinco, a primeira sirene chama para a oração e na segunda sirene nós devemos estar no oratório. Antes que o professor chegue, todos se colocam em silêncio e aguardam sentados os retardatários. Depois o professor aparece acompanhado dos supervisores que verificam se os bancos estão todos completos. O órgão é tocado e após um curto prelúdio, nós entoamos um canto matinal. O professor lê uma passagem do Novo Testamento que é interrompida de tempos em tempos por um canto litúrgico. Então recitamos o Pai Nosso e nos dispersamos. Cada um retorna para sua cama onde se encontra um copo de leite quente e pequenos pães. Às seis horas exatamente, os sinos soam chamando para as aulas. Cada um pega seus livros e vai para as salas onde ficamos até as sete horas. Trata-se de uma hora de trabalho chamada hora de revisão e, enfim, aula até o meio-dia. O fim de cada lição e de cada hora de trabalho é anunciado por uma sirene. Ao meio-dia, guardamos apressadamente os livros no quarto...<sup>35</sup>

A partir destas anotações de Nietzsche em seu diário, podemos ter idéia de como era sua rotina de aluno interno no período da manhã durante a semana, a qual nos parece dotada de uma grande rigidez, especialmente se a cotejarmos com a atualidade. Destacamos o horário destinado à revisão do conteúdo que se repetia por mais algumas horas no período

---

<sup>35</sup>.. NIETZSCHE, F. le 9 août. In: *Écrits autobiographiques 1856-1869*. p. 50-51.

da tarde durante a semana e aos domingos pela manhã.

Pelo que nos consta, essa prática foi muito valorizada pela escola que prezava pelo seu bom andamento. Era comum incluir um acompanhamento para as classes iniciais, normalmente realizado por alunos das classes mais adiantadas. Posteriormente, o acompanhamento era realizado por um professor responsável pela orientação dos trabalhos escolares do estudante, uma espécie de orientador da formação.

Isto nos parece revelador especialmente em dois sentidos. Em primeiro lugar, no cultivo da disciplina de leitura que se objetivava estimular nos jovens aprendizes. Essa prática foi muito assimilada por Nietzsche, que não só cumpriu com zelo as atividades rotineiras normais da escola, como também as de acompanhamento ou revisão. Podemos notar que Nietzsche não só incorporou a disciplina para o estudo durante o período escolar como também durante as férias e momentos em que não estava vinculado à escola, como já pontuamos anteriormente.

Em segundo lugar, os momentos dedicados à revisão, onde se podia reforçar o conteúdo ou fazer os deveres de Grego, Latim ou Matemática, parecem terem exercido sobre Nietzsche uma marca igualmente forte. Posteriormente, Nietzsche valorizou muito estes momentos. Por exemplo, em suas críticas às escolas em *O futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, ou ainda quando desenhou o perfil do leitor sem pressa e “*ruminante*” que desejava. Também nas *Extemporâneas* ou em *Aurora*, reclamaria do tempo cada vez menor que se destinava a rever, a retomar o saber apreendido. Ou seja, a disciplina para a leitura e a produção de textos que marcaram a vida e o pensamento de Nietzsche, além da capacidade “*ruminativa*” necessária para ler intensamente os textos, parecem ter sido reforçados, senão cultivados, pela velha Escola que Nietzsche tanto se orgulhou de ter feito parte. Ele sentiu-se agradecido, mas não deixou de formular algumas críticas no momento mesmo que concluía seus estudos ginasiais. Para ele, o grande inconveniente que pôde sentir foi a falta de um “*olhar*

*paternal*<sup>36</sup>, que pudesse orientar sua sede de novidade e de saber; sentiu-se espiritualmente desorientado, vagando na universalidade do saber.

Esta universalidade, posteriormente tida como algo a ser superado, foi seu objetivo manifesto dos 9 aos 14 anos, quando se inseriu em um grupo de leitura, debates e produções literárias e musicais, a *Germânia*, a primeira associação de autoformação de que Nietzsche fez parte. O jovem, ao findar seus estudos em Pforta avaliou estas experiências sobre sua vida:

Quando eu cheguei à Pforta, eu já tinha lançado um olhar sobre quase todas as ciências e as artes, e eu possuía um interesse por tudo, exceção feita às ciências racionais, especialmente as matemáticas que me provocavam sempre um soberano enjôo. Com o tempo eu desenvolvi uma aversão por este vaguear sem planos por todos os domínios do saber. Eu queria definir os limites e penetrar profundamente em um domínio determinado. Este esforço encontrou ressonância de forma muito agradável em uma pequena comunidade científica que fundei com meus amigos diante dos mesmos interesses de encorajar nossa formação.<sup>36</sup>

Assim, Nietzsche reconheceu que a *Germania* teria oferecido um contraponto à universalidade do ensino oferecido pela Escola Média de Pforta. Não recusou o valor da metodologia rígida, mas se sentiu perdido diante do universo do conhecimento e, nestes termos, reclamou uma direção para seus estudos. Deveras, ele só obteve uma posição mais definida com relação à dicotomia universalidade *versus* especialização quando concluiu o Ginásio, prestes a iniciar um curso superior.

Neste momento, sentiu-se inclinado pelos estudos clássicos. Lembrava-se do grande prazer que lhe havia proporcionado a leitura de Sófocles, Ésquilo e Platão, do qual

---

<sup>36</sup> NIETZSCHE, F. *Écrits autobiographiques 1856-1869*, p. 133.

destaca especialmente o *Banquete*.<sup>37</sup> Assim, conclui seus tempos de Liceu com o intuito de: “combater a propensão de tudo saber superficialmente, encorajar então, meu desejo de remontar aos fundamentos de uma ciência singular.”<sup>38</sup> É com este espírito que ingressa em Bonn, na faculdade de Teologia, mas após conhecer Ritschl, inclinou-se para a filologia clássica, a disciplina que mais lhe interessou no momento.

Em várias passagens de sua autobiografia, Nietzsche revelou este interesse pelos estudos clássicos que procurou aperfeiçoar mais tarde. Eles o levaram ao mérito de ser professor de filologia clássica na Universidade da Basileia. Reconheceu, então, que mesmo antes de ingressar em Pforta, em termos musicais, já prezava pelo clássico. Neste sentido, escreve em 1858: “Eu odiava todo tipo de música moderna e tudo o que não era clássico. Mozart e Haydn, Schubert e Mendelssohn, Beethoven e Bach são as bases da música alemã e as colunas sobre as quais eu me apoiei.”<sup>39</sup> Ele entendia a música, neste momento, como algo divino, um dom que Deus concede às pessoas para que possam voltar seu olhar para os céus, para além de si. Este será o objetivo integral da música clássica executada pela esmagadora maioria dos músicos que recebiam o epíteto de clássicos na Alemanha, todos citados por Nietzsche como sendo sua base musical.

Esta música tinha o poder, para Nietzsche, de conduzir o espírito humano ao conhecimento do Bem e do Verdadeiro, ao contrário da música moderna. Para ele, a música moderna só possuía o objetivo de divertimento, de espetáculo, para tanto, a maioria dos compositores se esforçavam para compor de forma obscura e enigmática. Assim, as cabeças pensantes abortavam a possibilidade de elevação que a música podia proporcionar e cultivavam o tédio e o esvaziamento do espírito, aproximando-se das bestas.<sup>40</sup>

---

<sup>37</sup> Cf. *Ibidem*. p. 134.

<sup>38</sup> *Ibidem*. loc. cit..

<sup>39</sup> NIETZSCHE, F. *Écrits autobiographiques 1856-1869*. p. 30.

<sup>40</sup> *Ibidem*. p. 37-38.

Novamente, em sua autobiografia, revelou nas férias de 1859, quando faz uma estadia em Iena, que seu maior prazer era encontrar nas ruas e praça os nomes dos grandes espíritos de sua nação: Lutero, Goethe, Schiller, Klopstock, Winkelman e muitos outros.<sup>41</sup> Nietzsche indicou o seu gosto pelo conhecimento que estava recebendo em Pforta, o conhecimento do que era clássico na cultura alemã. E isto marcou sua visão de mundo neste momento, seja quando sentia prazer em identificar nas ruas o que podia ler nos livros, mas também quando orientava seu processo de leitura. Assim, ele apontou em seus registros de 15 de agosto de 1859:

Devemos ler todos os escritores por diversas razões: não somente pela gramática, pela sintaxe e o estilo, mas também pelo conteúdo histórico e pela visão espiritual. Devemos ler os poetas gregos, latinos e os clássicos alemães e comparar suas formas de ver. Devemos nos preocupar com a história conjuntamente com a geografia e as matemáticas em ligação com a física e a música. Dessa forma, colheremos os nobres frutos da árvore da verdade, habitados por um espírito, iluminados por um sol.<sup>42</sup>

Assim, importou para Nietzsche ler e comparar as formas de ver o mundo dos poetas gregos e latinos antigos com os escritores clássicos alemães, era preciso considerar não só suas concepções espirituais do mundo como também as históricas, para além da gramática, da sintaxe e do estilo. Por outro lado, não é possível ater-se apenas à história para compreender estes autores, mas é necessário considerar um conjunto amplo de conhecimentos para que “a verdade possa ser iluminada por um sol”.

É preciso considerar a geografia, a matemática, a física e a música, atentando para suas interligações. Esta perspectiva nos pareceu bastante marcante neste momento e indicativa da profundidade da reflexão do jovem leitor. Ler nesta concepção significava apontar para as múltiplas relações que se podia fazer entre as variadas outras leituras

---

<sup>41</sup> *Ibidem.* p. 46.

<sup>42</sup> NIETZSCHE, F. *Écrits autobiographiques 1856-1869.* p. 57.

e múltiplas possibilidades de compreensão dos fenômenos.

Desta feita, notamos que, para além do gosto pela leitura desenvolvido por Nietzsche, desde sua mais tenra infância e de sua preocupação com a aquisição de um conhecimento universal, no final de seus estudos em Pforta, ele esteve preocupado com o desenvolvimento de um método de leitura que lhe permitisse garantir o domínio de uma especialidade do conhecimento. Identificamos um leitor voraz, preocupado com a leitura intensiva dos textos, o maior número deles, diga-se de passagem. A filologia clássica forneceu, momentaneamente, a resposta a suas preocupações de autoformação, mas foi, a seu tempo, criticada e modificada para atender os objetivos nietzscheanos. Reconhecemos a questão da autoformação e do autoconhecimento que a leitura e a escrita podiam proporcionar como um pano de fundo marcado pela busca do estilo, uma constante para o jovem filósofo que começava a ver a leitura como um caminho para o domínio de conceitos que pudessem torná-lo mais forte para a “guerra” contra valores que lhe foram inculcados desde a infância. Talvez seja por isso que Nietzsche revirou com tanta ênfase sua produção juvenil. Queria ver até onde fora e até onde poderia chegar.

### **A defesa de uma leitura lenta como fundamento educativo e cultural**

#### *O leitor ideal e suas características*

No prefácio das *Conferências sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino* (1872), Nietzsche apresentou uma importante pista sobre o tipo de leitura que concebia como ideal, e mais, o tipo de leitor que ele próprio almejou para seus textos. Certamente o leitor implícito que Nietzsche sugeriu tem relações diretas com o tipo de leitura que ele realizava dos textos que lhe chegavam.<sup>43</sup>

Para ele, o leitor ideal devia ter três características

---

<sup>43</sup> A causa wagneriana cultivará no jovem Nietzsche a esperança de encontrar esse leitor.

essenciais. Em primeiro lugar, ler sem pressa. Em segundo lugar, ler sem interpor a sua cultura à do texto, criando assim barreiras que pudessem prejudicar o entendimento do mesmo. E por fim, o leitor não devia ler como quem procura um quadro de receitas e de resultados prontos e acabados.<sup>44</sup>

Como podemos perceber, Nietzsche contrariou uma tendência em seu tempo, o da leitura cada vez mais apressada, a partir do volume sempre maior de informações disponíveis e de um aumento do universo de leitores que se operava como consequência da expansão do ensino na Alemanha comandada pela Prússia<sup>45</sup>.

Ao contrário, Nietzsche desejou um leitor que não fosse dominado pela pressa vertiginosa que a todos contagiava. Poucos eram os homens capazes de encontrar o tempo perdido para meditar sobre a leitura e assim tornarem-se capazes de vislumbrar o “*futuro da cultura*”<sup>46</sup> Para Nietzsche, a leitura devia ser lenta, capaz de decifrar o segredo das entrelinhas. O leitor deveria poder meditar um longo tempo sobre o que leu, mesmo depois de ter fechado o livro. A meditação é fundamental para a compreensão da leitura. Do contrário, afirmou Nietzsche, o leitor apressado e voltado para a ação, tornava-se incapaz de colher o verdadeiro fruto que a leitura podia proporcionar, a ponto de ser possível afirmar que ele não entendeu realmente o que leu.<sup>47</sup>

<sup>44</sup> Cf. NIETZSCHE, F. Sur l'avenir de nos établissements d'enseignement. In: *Écrits posthumes 1870-1873*. Textes e variants établis par G. Colli et M. Montinari. Traduits de l'allemand par Jean-Louis Backes, Michel Haar et Marc B. de Launay. Paris: Gallimard, 1975. p 78. Prefácio

<sup>45</sup> Acerca deste assunto gostaríamos de remeter o leitor ao capítulo *Nietzsche e o tempo das considerações fora do tempo* de SOCHODOLAK, Hélio. *op. cit.* p 47-69, onde procuramos entender o momento histórico da Alemanha em que viveu Nietzsche. Observava-se um crescimento sem precedentes das escolas e da oferta de textos a serem lidos, tanto jornais, como livros, que se popularizavam. Procuramos compreender Nietzsche a partir de suas relações com o Estado, de sua postura na Universidade como professor e de sua convivência com os amigos. Enfim, procuramos entender o pensador a partir das vivências estabelecidas com o seu tempo.

<sup>46</sup> NIETZSCHE, F. Sur l'avenir de nos établissements d'enseignement. In: *Écrits posthumes 1870-1873*. – Prefácio e *passim*.

<sup>47</sup> Cf. NIETZSCHE, F. Sur l'avenir de nos établissements d'enseignement.

A escrita devia acompanhar a qualidade da lentidão. Numa carta enviada a Rohde, em 22 de março de 1873, fez a seguinte afirmação ao amigo: “Eu espero poder te enviar em breve, para análise, uma grande parte do meu livro sobre a filosofia grega que está em lenta gestação”<sup>48</sup> Essa idéia parece sintetizar a perspectiva do jovem Nietzsche tanto da leitura, quanto da escrita: uma *gestação*. São necessários leitores ideais para que isto possa ocorrer.<sup>49</sup>

Nietzsche estava defendendo um processo “artístico” de leitura. Com objetivos muito semelhantes aos de Wagner com a sua “obra total” para o qual, acima de tudo, era fundamental *arrebatar* o “leitor-espectador” através de um total envolvimento do mesmo, seja nos seus aspectos visuais, como nos sonoros. Então, lentidão e arrebatamento tornavam-se atributos fundamentais para quem lia e objetivos para quem escrevia, na visão do jovem Nietzsche.

Quem lia, se o fizesse com pressa, não seria capaz de envolver-se com o texto e utilizá-lo, sobretudo, em seu autoconhecimento. Quem escrevia, por outro lado, devia almejar fazê-lo como quem toca ao piano<sup>50</sup>, ou seja, devia aspirar a atingir o leitor intimamente e arrebatá-lo, como somente um artista seria capaz de o fazer. A leitura entendida como arte. Para Nietzsche:

---

*In: Écrits posthumes 1870-1873.* p. 79.

<sup>48</sup> NIETZSCHE, F. *Correspondance II Avril 1869-décembre 1874.* Textes établis par Giorgio Coli et Mazzino Montinari. Trad. De Jean Bréjoux et Maurice de Gandillac. Paris: Gallimard, 1986. Carta 300. A Rohde: 22 de março de 1873.

<sup>49</sup> Posteriormente no prefácio da *Genealogia da Moral* (1887) Nietzsche reiterou as qualidades do leitor que almejava e, evidentemente, da forma da leitura de que era partidário. Para ele, por exemplo, a respeito de seu Zaratustra “... não o pode compreender senão o leitor a quem tenha impressionado ou entusiasmado cada uma de suas palavras: só então gozará o privilégio alegórico donde esta obra nasceu, e sentirá veneração pela sua resplandecente claridade, pela sua amplitude, pelas suas perspectivas longínquas e pela sua certeza.” Cf. NIETZSCHE, F. *A genealogia da moral.* Trad. Carlos José de Meneses. Lisboa: Guimarães editores, 1983. p. 16.

<sup>50</sup> NIETZSCHE, F. *Correspondência.* Carta 20. A Gersdorff. 6 de abril de 1867.

Verdade seja que, para elevar assim a leitura à dignidade de ‘arte’ é mister, antes de mais nada, possuir uma faculdade hoje muito esquecida (por isso há-de passar muito tempo antes dos meus escritos serem ‘legíveis’) uma faculdade que exige muitas qualidades bovinas, e não de um homem de fim-de-século. Falo da faculdade de ruminar.<sup>51</sup>

Percebe-se, que na visão nietzschiana, o leitor ideal era aquele que lia de uma forma lenta e “ruminativa”, ou seja, era capaz de sentir o sabor e toda carga de sentimentos que a palavra fosse capaz de transmitir. Enfim, um leitor-artista capaz de sorver as qualidades também artísticas do texto. A lentidão parecia ser uma qualidade “bovina”, indispensável ao leitor nietzschiano, qualidade que o filósofo não presenciou no fim do século XIX, especialmente na Alemanha com seus estabelecimentos de ensino modernos.

A segunda característica exigida por Nietzsche, para o seu leitor, era aquela que possibilitava um certo distanciamento de seus valores no ato de ler. Os valores do leitor poderiam criar barreiras para a compreensão do texto, uma vez que este podia lidar com valores adversos aos seus. Num outro prefácio (1886), desta vez de *Aurora* (1881), Nietzsche explicou melhor esta qualidade desejada. Para ele:

(...) é efetivamente esta arte venerável que exige de seu admirador antes de tudo, uma coisa: manter-se afastado, ocupar o seu tempo, tornar-se silencioso, tornar-se lento, - como uma arte, um conhecimento de ourives aplicado à palavra, uma arte que tem para executar apenas trabalho sutil e cauteloso e que não chega a lado algum se não for lentamente.(...) Quanto à nossa arte, ela não pôs fim facilmente ao que quer que fosse, ela ensina a ler convenientemente, quer dizer: lentamente, profundamente, olhando com prudência para trás e para diante de si, com pensamentos ocultos, com as portas abertas, com os dedos e os olhos sutis<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> NIETZSCHE, F. *A genealogia da moral*. p. 16.

<sup>52</sup> NIETZSCHE, F. *Aurora*. Trad. Rui Magalhães. Porto: Rés, 1977. p. 11.

*Leitura como antídoto à dominação de Estado*

Assim, ao prefaciando suas conferências acerca dos estabelecimentos de ensino alemães no último quartel do século XIX, referindo-se à leitura, Nietzsche tocou no cerne da questão. O ensino da leitura no seu tempo era orientado para fins bem diversos daqueles que foram proporcionados a Nietzsche anteriormente. O jovem professor distinguiu duas direções concernentes ao ensino neste momento e altamente reprováveis do ponto de vista de uma leitura lenta, artística e avessa ao utilitarismo moderno como a que almejou. A primeira direção era a profissionalização do ensino, a segunda a utilização deste para atingir os fins a que se propunha o Estado, notadamente o Estado Prussiano.

Assim, na Primeira conferência *sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, Nietzsche denunciou a concepção de cultura presente nas escolas e identificou duas tendências nefastas e complementares apesar de aparentemente em oposição. Tratava-se da expansão da cultura e de sua redução.<sup>55</sup>

Para Nietzsche, o que os alemães chamaram de *cultura* nos estabelecimentos de ensino, nada mais era do que a aplicação de métodos profissionalizantes de ensinar os jovens a tornarem-se produtivos e rentáveis, ou seja, cultura se identificava com dinheiro, com economia. Assim, difundir a cultura tornava-se necessário para que, seguindo um princípio da economia clássica, quanto mais cultura, mais dinheiro. Tanto mais rica a nação, tanto mais cultural ela terá sido neste sentido.<sup>56</sup>

Nietzsche avaliou com ironia esta associação entre a cultura de identidade econômica e a cultura do alemão moderno. Para ele, o cidadão alemão recebia uma formação

---

<sup>53</sup> Nesses termos, a filologia parece ter correspondido, ao menos por um período, às suas expectativas metodológicas de leitura.

<sup>54</sup> NIETZSCHE, F. Sur l'avenir de nos établissements d'enseignement. In: *Écrits posthumes 1870-1873. passim.*

<sup>55</sup> NIETZSCHE, F. Sur l'avenir de nos établissements d'enseignement. In: *Écrits posthumes 1870-1873.* p 94. – Primeira conferência.

<sup>56</sup> *Ibidem. loc. cit.*

rápida para que pudesse, mais que rapidamente, inserir-se no mundo do trabalho e da economia. Esta formação “cultural” lhe ensinava que “o trabalho traz felicidade” e que ser útil significava ser feliz!<sup>57</sup>

Vinculada a esta perspectiva de alargamento ou expansão de uma dada cultura, Nietzsche identificou a sua redução. Ou melhor, quanto mais universal e mais especializada fosse esta cultura difundida, tanto menor seria seu grau de profundidade. Proporcionalmente, maior seria a falência da uma cultura autêntica. A cultura entendida quantitativamente só podia servir para benefício da economia, do Estado, de seu crescimento e manutenção. Conseguídos também pela força na Alemanha deste período, diga-se de passagem.<sup>58</sup>

O que Nietzsche percebia é que havia a tendência, não à ampliação de uma cultura autêntica, mas para uma cultura dotada de caracteres científicos e especializada, o que indicava não o seu desenvolvimento, mas sua redução. Para o jovem filósofo, a ciência com sua especialização “vampirizava”<sup>59</sup> a sabedoria e transformava o homem de cultura num especialista incapaz de ver o todo. Com seu campo de visão reduzido tornava-se útil e dócil a uma nova forma de religião a serviço da economia e da política de Estado.

Portanto, no entender de Nietzsche, há num mesmo movimento, a destruição de toda possibilidade de crescimento de uma cultura autêntica, que pudesse ser acessada através da leitura lenta dos clássicos e a construção de um novo leitor, o leitor apressado, dócil e útil. Este era o novo ideal de cultura para o alemão, sob os auspícios de uma cultura de Estado.

---

<sup>57</sup> *Ibidem.* p 95. Primeira Conferência.

<sup>58</sup> Estamos nos referindo às estratégias bélicas comandadas por Bismarck com o intuito de criar e manter a coesão interna da Alemanha em processo de unificação.

<sup>59</sup> NIETZSCHE, F. Sur l'avenir de nos établissements d'enseignement. In: *Œuvres posthumes 1870-1873*. p 95. – Primeira conferência.

*Uma proposta educacional com base em uma forma lenta de ler*

Era com este olhar que lançou sua análise sobre o ginásio e percebeu o quanto ele se vulgarizou e decaiu. Para ele, o maior objetivo deste nível de ensino devia ser o ensino da língua através de um estudo cauteloso e lento dos textos clássicos, uma vez que se aprende por imitação, são estes os textos que deviam ser tidos como referência.<sup>60</sup>

Para o jovem Nietzsche, o professor devia evitar, por exemplo, expressões vulgares para que os alunos não as adquirissem. Ao contrário, devia retomar os textos clássicos e, linha a linha, desenvolver uma leitura rigorosa ajudando os alunos a compreender o sentido da arte de ler e por consequência, ajudando-os a cultivar a arte de escrever.<sup>61</sup>

Ao afirmar esta pedagogia, na verdade uma pedagogia a qual ele próprio se submetera especialmente na escola de Pforta, Nietzsche se opôs ao que ele chamou de jornalismo, ou seja, um estilo descontraído, superficial e vulgar de escrita que, no seu entender, havia contaminado a sociedade alemã e de forma essencial o ginásio.

Para Nietzsche, o jovem alemão não era capaz de reagir a esta “massificação” a que se submetia e às astúcias do discurso dos reformadores pedagógicos. Para estes, o estudante devia desenvolver desde cedo a autonomia, seja na capacidade de ler como na de escrever. Segundo o jovem Nietzsche, isso se constituía um dos piores desserviços para a cultura que o ginásio podia oferecer.<sup>62</sup>

Para ele, o jovem, ao contrário, precisava obter uma sólida formação lingüística e histórica. O passado da língua devia ser exaustivamente estudado para que fosse possível compreender o seu desenvolvimento. Somente depois desse

---

<sup>60</sup> Texto clássico deve ser entendido aqui não no sentido empregado pelo classicismo, mas no sentido mais amplo da palavra como os textos mais expressivos de uma cultura.

<sup>61</sup> Cf. NIETZSCHE, F. Sur l'avenir de nos établissements d'enseignement. In: *Écrits posthumes 1870-1873*. p 100-101. Segunda Conferência.

<sup>62</sup> Cf. *Ibidem*. p 104-105. Segunda Conferência. Na Quinta Conferência retoma a questão.

processo é que se poderia buscar autonomia. O próprio Nietzsche reconheceu que apenas na sua maturidade é que pôde abandonar seus mestres, especialmente, Schopenhauer e Wagner.

Assim, faltando aos ginásios uma sólida formação clássica e partindo de uma pedagogia da autonomia desde cedo, o jovem adquiria um estilo vulgar de expressão, notadamente jornalístico sem respeito pela língua materna. Para Nietzsche, nos ginásios de seu tempo, o ensino da língua podia ser comparado com o ensino da marcha ao soldado, algo mecânico, artificial e sem vida!<sup>63</sup> Isto levava o estudante a compreender a língua materna como algo a ser odiado e vilipendiado, o estudante aprendia a desprezar os exemplos grandiosos da cultura que passavam a ser vulgarizados. Ele passava a tratar Goethe, Schiller, Lessing ou Wilckelmann como a um de seus colegas.<sup>64</sup> No máximo eram compreendidos como poetas mortos, abertos ao toque do estilo jornalístico (jornalismo estético)<sup>65</sup>. Isto para não falar da Antiguidade Grega, tratada no máximo, de forma antiquária.<sup>66</sup>

Ao contrário, o jovem Nietzsche defendeu veementemente a necessidade de modelos na juventude para que a autonomia pudesse ser conquistada num processo gradual e seguro através da leitura dos clássicos. Da mesma forma, a Antiguidade Grega pré-socrática deveria ser tida como exemplar, ser imitada, mas não repetida mecanicamente<sup>67</sup>. Assim, tornava-se fundamental o estudo

---

<sup>63</sup> Cf. NIETZSCHE, F. Sur l'avenir de nos établissements d'enseignement. In: *Écrits posthumes 1870-1873*. p. 108. Segunda Conferência.

<sup>64</sup> Cf. *Ibidem*. p. 109. Segunda Conferência.

<sup>65</sup> Cf. *Ibidem*. p. 103. Segunda Conferência.

<sup>66</sup> Cf. NIETZSCHE, F. *Considérations inactuelles II*. In: *Considérations inactuelles I et II*. Trad. de l'allemand par Pierre Rusch. Paris: Gallimard, 1990. Quando trata dos usos e abusos da história.

<sup>67</sup> Cf. NIETZSCHE, F. Sur l'avenir de nos établissements d'enseignement. In: *Écrits posthumes 1870-1873*. Terceira Conferência. Ver também: SOCHODOLAK, Hélio *Um homem em luta com o seu tempo: Nietzsche e a história na Segunda Intempestiva*. Londrina/UUEL: 2001; onde se discute o conceito de *mimesis* em Nietzsche e sua oposição à concepção platônica.

sério das línguas latina e grega, a gramática, a ortografia, o léxico, além de exercícios de tradução, esses extremamente salutareos para fecundar o sentido artístico dos jovens estudantes.<sup>68</sup> Do contrário, só se podia esperar o empobrecimento cultural e a emergência de uma linguagem desregrada e vulgar, tal como a que Nietzsche nomeia de jornalística.

É de se compreender as razões que fizeram Nietzsche se desencantar com os leitores de seu tempo e concluir que não os encontraria para os seus textos e que deveria esperar muito para o seu aparecimento.<sup>69</sup>

Neste sentido, Nietzsche nos remeteu à sua própria formação que o permitiu ter duas experiências. A primeira, considerada por ele como negativa e a segunda fecunda e positiva. A primeira tratou-se de sua primeira produção autobiográfica, segundo ele um exercício exigido no ginásio aos jovens e para ele extremamente contraproducente.<sup>70</sup> A segunda experiência foi a escrita de seus primeiros textos reflexivos.

Nietzsche demonstrou certo constrangimento pelo texto *Minha vida* no qual, sem estar completamente maduro, descreveu fatos de seu passado que viriam a incomodá-lo posteriormente, não só pela ausência de estilo utilizado na escrita, como pelo conteúdo que preferiria esquecer. Assim, entende que este exercício autobiográfico, que era um ensaio do que os pedagogos de seu tempo chamavam autonomia, se configurava na prática como algo prejudicial à formação da personalidade dos jovens. A esse respeito, a *Segunda Intempestiva* aprofundou a questão quando propôs uma medida farmacológica para a memória e o esquecimento.<sup>71</sup>

---

<sup>68</sup> NIETZSCHE, F. Sur l'avenir de nos établissements d'enseignement. In: *Écrits posthumes 1870-1873*. p. 111. Segunda Conferência.

<sup>69</sup> *Ibidem*. Quarta Conferência. p. 139.

<sup>70</sup> *Ibidem*. Segunda Conferência p. 103.

<sup>71</sup> A esse respeito LACQUE-LABARTHE, Philippe. "Histoire et mimesis". In: *L'imitation des modernes*. Paris: Galilée, 1986. Conferência: três de março de 1983.

### *Leitura para a autonomia*

Para o jovem Nietzsche, não se podia forçar a maturação da personalidade e chamar isto de autonomia, esta só vinha a partir do momento em que o estudante sentisse certo domínio sobre os principais fundamentos da língua e dos seus mestres. Tal maturidade e domínio foram experimentados pelo jovem Nietzsche em *Fatum e historia e liberdade da vontade e fatum*.<sup>72</sup> Neles o autor desenvolveu suas primeiras reflexões, as quais chamou de autônomas, autonomia conquistada a partir de certas leituras, de Emerson, por exemplo.

Em *Fatum e historia*, texto de 1862, Nietzsche se propôs a abordar a história de uma forma desligada dos valores cristãos, mas confessou não ser capaz de realizar uma análise imparcial da doutrina cristã e da história da Igreja devido à carga desses valores que recebeu em sua formação. Assim, declarou profeticamente: “Uma semelhante tentativa não pode ser obra de algumas semanas, mas de uma vida.”<sup>73</sup>

O jovem sentia-se impotente frente a séculos de tradição e de idéias que, mesmo sem fundamentos lógicos, forneciam aos homens respostas que pareciam seguras. Comumente aceitas, se constituíam “portos seguros” para os pesquisadores, cartesianos ou kantianos, por exemplo.

Ao contrário, Nietzsche, ainda com 18 anos sentiu-se imbuído de um espírito libertário para conquistar gradualmente sua autonomia intelectual. Reconheceu que, em se tratando de valores tão arraigados quanto os cristãos, não havia tarefa mais impossível. Enganavam-se aqueles que afirmavam ser mais fácil destruir do que construir. Havia que se confrontar consigo mesmo e com os outros que partilham destes valores inculcados desde a infância.<sup>74</sup>

Nietzsche percebeu que a doutrina cristã não condizia com a sua história secular e pretendia, com esta última, desmistificar o catecismo. A história possui outro

---

<sup>72</sup> In: NIETZSCHE, F. *Écrits Autobiographiques 1865-1869*.

<sup>73</sup> NIETZSCHE, F. *Fatum et histoire*. In: *Écrits Autobiographiques 1865-1869*. p. 189.

<sup>74</sup> *Ibidem*. p. 189.

funcionamento que não aquele fundado sobre conjecturas e simples suposições, tais como Deus, imortalidade, autoridade da Bíblia, revelação, etc, afirmou o jovem Nietzsche. Deveriam existir outras possibilidades de se compreender a vida.

A partir desses questionamentos, o jovem Nietzsche valorizou leituras que somente pôde realizar com propriedade dez anos mais tarde<sup>75</sup>. Para ele, apenas a história e as ciências da natureza eram capazes de interromper o longo reinado do céu sobre a terra. Afirmou então: “A história e as ciências da natureza, heranças maravilhosas de todo nosso passado, anunciadoras de nosso futuro, são fundamentos seguros sobre os quais nós podemos construir os edifícios de nossa especulação.”<sup>76</sup> Neste momento, Nietzsche questiona se é preferível acreditar que o homem seja oriundo da vontade arbitrária dos deuses, ou é melhor entendê-lo como estando num estágio de desenvolvimento entre a planta e o animal. Ou seja, parte do mundo natural, e não abaixo ou acima dele.

#### *Representações sobre a História: fatum e livre-arbítrio*

Nietzsche demonstrou profundo débito para com Emerson, uma leitura muito cara para ele neste período. Em sua autobiografia, destacou-a como uma das principais leituras no ano de 1862 ao lado de *Idéias sobre a arte* de Büchner e *A educação estética do homem* de Schiller.<sup>77</sup> Revelamos Marc Crépon que a biblioteca pessoal de Nietzsche contava com vários volumes de Emerson, traduzidos para o alemão tais como: *Conduct of life* (1860), *Essays, first series* (1856) além de um texto de 1876: *Essays, second series*. Além do

---

<sup>75</sup> A este respeito JANZ, Curt Paul. *Nietzsche*. Traduit de l'allemand par Pierre Rusch. Paris: Gallimard, 1984. vol. 2. p. 30. Remetemos também ao último capítulo de nossa dissertação de mestrado: *O duelo com o seu tempo: Nietzsche e a Segunda Intempestiva*. Será a partir do início da década de 1870 que Nietzsche fará leituras específicas sobre química, física e astronomia.

<sup>76</sup> NIETZSCHE, F. *Fatum et histoire*. In: *Écrits Autobiographiques 1865-1869*. p. 190.

<sup>77</sup> NIETZSCHE, F. *Mon activité littéraire et musicale, 1862*. In: *Écrits Autobiographiques 1865-1869*. p. 112.

que, foi grande a admiração de Nietzsche por Emerson durante a elaboração de toda a sua obra; vale citar o verbete sobre Emerson em *Crepúsculo dos Ídolos* onde, com admiração, elogia o estilo refinado e a felicidade e profundidade de seus escritos.<sup>78</sup>

Nietzsche elaborou uma alegoria para a história. Comparou-a a um grande relógio num movimento eterno, num eterno *devoir*. Os números corresponderiam aos fatos, os ponteiros inaugurariam um novo ciclo a cada minuto... “Um novo período do mundo se inaugura”. Haveria um fim? Nietzsche nada revelou sobre isso, para ele, se há este fim, ele não estaria ao alcance da humanidade nem como finalidade nem como centralidade.<sup>79</sup>

O jovem Nietzsche, com base em Emerson, questionou então, a centralidade do ser humano na história e a possibilidade de autoconsciência do homem. Poderia haver apenas uma natureza humana, uma vez que ela não se manifesta da mesma maneira em todos os momentos e em todos os lugares? Povos diferentes respondem de maneiras diferentes a problemas semelhantes. O temperamento humano é constituído a partir de forças inconscientes e impossíveis de serem controladas, afirmou o jovem filósofo. Isso se apresenta ao homem como um sentimento doloroso uma vez que implica a perda de sua liberdade e independência frente às forças da natureza. Então, não haveria saída?

E, mais uma vez, Nietzsche retomou suas leituras a partir das quais nos formulou dois argumentos, um com base na filosofia antiga e outro em Emerson. No primeiro caso, apostou na impossibilidade da existência de algo sem o seu contrário, ou seja, se há o *fatum*, algo lhe fornece garantia, trata-se do seu contrário, o livre arbítrio. Assim, aquele povo que reconhece e evidencia em sua cultura o *fatum*<sup>80</sup> se

---

<sup>78</sup> CRÉPON, M. nota 31. In: NIETZSCHE, F. *Écrits autobiographiques 1856-1869*. p. e NIETZSCHE, F. *O Crepúsculo dos deuses*. Trad. Maria do Carmo Ravara Cary. Lisboa: Presença, 1971. p. 93. verbete Emerson.

<sup>79</sup> Cf. NIETZSCHE, F. *Fatum et histoire*. In: *Écrits Autobiographiques 1865-1869*. p. 190-191.

distingue por sua força e firmeza de vontade. Ao passo que, aqueles povos que crêem em divindades bondosas, deixam se levar e se encontram historicamente em situações degradantes. Assim, o livre-arbítrio nasceria do reconhecimento e da afirmação da inevitabilidade do *fatum*.<sup>81</sup>

No segundo caso, Nietzsche recorrendo a Emerson, afirmou: “*Todo pensamento está unido à coisa que aparece como sua expressão.*” Neste sentido, o jovem Nietzsche de 18 anos, filiou-se ao princípio da correspondência entre o pensamento e a coisa, da qual o primeiro é expressão.<sup>82</sup> Assim, se podemos elaborar no intelecto algo como livre-arbítrio é porque existe

---

<sup>80</sup> Na Mitologia grega *Fatum* é o deus do destino, cujo nome provinha da raiz *fari* (“falar”), significando a própria palavra de um deus, e portanto uma decisão divina irreversível. Com o decurso do tempo, sob a influência das lendas gregas, *Fatum* passou a significar as divindades ligadas ao destino, como as Moiras (Em Homero e em Hesíodo foram reduzidas a três: Átropos, Clotó e Láquesis e passaram a determinar o destino de todas as criaturas humanas e de cada uma delas fixando desde o nascimento a duração de sua vida e seu curso mediante um fio que uma delas fiava, outra enrolava e a terceira cortava quando chegava a hora prefixada para a morte), as Parcas (Em Roma eram as divindades do destino, correspondentes às Moiras gregas) e as próprias Sibilas (Sacerdotisas encarregadas de proferir os oráculos de Apolo). Cf. KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Verbetes *Fatum, Moiras, Parcas e Sibilas*. p. 146, 247, 304 e 356.

<sup>81</sup> É possível associar este conceito, na forma como o jovem Nietzsche de 18 anos o utilizou, guardadas as devidas proporções, com o conceito de *dionisiaco* que irá sistematizar posteriormente nas obras ao final da década de 1860 e inícios da década de 1870. Da mesma forma que é preciso reconhecer que estava referindo-se ao cristianismo, como o que possui divindades bondosas, e aos gregos que, ao afirmar o *fatum* desenvolveram o livre-arbítrio (Souberam harmonizar as forças apolíneas e dionisiacas a partir da arte, diria em *O nascimento da tragédia*). Já, nesse momento, para Nietzsche, os gregos serviriam como exemplo para a modernidade e o cristianismo como um elemento não-livre de seu tempo.

<sup>82</sup> Posteriormente, por exemplo, em *Verdade e mentira no sentido extra-moral*, Nietzsche irá renunciar a essa leitura, pois ela implicaria em reconhecer como fundamento da verdade a noção de correspondência. Para ele, agora influenciado grandemente pela leitura de Schopenhauer, o que se chama de verdade nada mais é do que uma representação ou metáfora do mundo.

algo que corresponda a este conceito.

Daí, pergunta: “Uma nota musical pode nos tocar se não existe uma corda que lhe corresponda em nós?” E conclui: “A livre vontade não é mais do que uma abstração, o que significa que não há a capacidade de agir conscientemente. Somente compreendendo o “*fatum*” nós compreenderemos o princípio que guia nossas ações inconscientes.”<sup>83</sup>

O jovem Nietzsche concluiu esta argumentação de uma forma fantástica para um leitor/escritor de 18 anos. Para ele, o livre arbítrio e o *fatum* concederiam equilíbrio à história. O primeiro possibilita ao homem agir e acreditar sem limites. Mas o segundo o recoloca em seu lugar e lhe recorda de sua ligação orgânica com o todo, o que o obriga a dominar sua força livre. Assim finalizou: “... uma liberdade absoluta sem o “*fatum*” faria do homem um deus, o princípio da fatalidade isolado o faria um autômato”. Portanto, a história ocorreria não por designação arbitrária dos deuses, mas no equilíbrio de forças.

Para Janz, estes textos do jovem Nietzsche são temporões de toda sua obra, uma vez que indicaram “... todos os impulsos do pensamento nietzschiano e porque desenha(m) também os contornos daqueles que logo serão seus problemas decisivos...”<sup>84</sup> Destacando-se a crítica ao cristianismo, mas também poderíamos apontar a concepção trágica de sua filosofia e a idéia de *amor fati*, além da idéia do *eterno retorno*.

Para nós, mais do que isto, Nietzsche desenhou uma utilidade prática para a sua leitura de Emerson. A leitura passou a ter um importante papel em sua vida, uma vez que servirá como base para combater valores arraigados em seu próprio ser. Ler adquiriu a conotação de um combate e, sobretudo, ostenta um excelso objetivo: ler para se desfazer de valores inculcados desde a infância. Trata-se de uma luta contra verdades construídas a partir de relações sociais ao longo da história.

---

<sup>83</sup> NIETZSCHE, F. Liberté de la volonté et fatum. In: *Écrits Autobiographiques 1865-1869*. p. 96.

<sup>84</sup> JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche* vol. 1: p. 91.

Nietzsche abordou com precisão tais relações em *Introdução teórica sobre a verdade e a mentira no sentido extra moral* de 1873. Afirmou ele:

Uma multiplicidade incessante de metáforas, de metonímias, de antropomorfismos, em síntese, uma soma de relações humanas que foram poética e retoricamente elevadas, transpostas, ornamentadas, e que, após um longo uso, parecem a um povo firmes, regulares e constringedoras: as verdades são ilusões cuja origem está esquecida, metáforas que foram usadas e que perderam a sua força sensível, moedas as quais se apagou a impressão e que desde agora não são mais consideradas como moeda de valor, mas como metal.<sup>85</sup>

De fato, nestes escritos juvenis, Nietzsche apresentou toda a sua motivação contra os mecanismos de inculcação de verdades através de mecanismos educacionais, sejam eles estatais ou religiosos. Tratavam-se de mecanismos de poder que se advogavam o direito de dizer a verdade e impeliavam ao uso de metáforas usuais sob a designação de verdades. Elas nasciam, pois, sob o signo da violência. Neste sentido, ler significava reagir, adquirir instrumentos para que fosse possível questionar as verdades e, principalmente, permitir o autoconhecimento, aquele assolado pelas convenções sociais e conceitos que “*igualam o não-igual*”.<sup>86</sup>

### **Considerações finais**

Desta feita, podemos afirmar que o jovem Nietzsche foi partidário de uma leitura intensiva e artística dos textos, leitura que lhe permitiu o autoconhecimento e lhe possibilitou a aquisição de um “instrumental bélico”. Percebemos que o jovem Nietzsche esteve preocupado com a leitura e a escrita de textos num formato que se distinguiu completamente do que chamou de *estilo jornalístico*. Para ele a criança aprendia por imitação. Importava que ela pudesse ler com vagar, sentindo toda a carga estética do estilo dos

---

<sup>85</sup> In: NIETZSCHE, F. *O livro do filósofo*. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. 3 ed. São Paulo: Centauro, 2001. p. 96.

<sup>86</sup> *Ibidem*. p. 68.

grandes autores e artistas da língua alemã (Goethe, Lessing, Schiler), para que pudesse imitá-los criativamente não desenvolvendo uma leitura apressada e superficial. Tais características da leitura deviam também ser transpostas para a escrita que exige *maturidade* para ser desenvolvida.

Estas tipologias de leitura e escrita se confrontaram com um modelo hegemônico nos estabelecimentos de ensino por toda a Alemanha. Um modelo jornalístico que foi caracterizado por Nietzsche como utilitário no sentido econômico e político na medida em que atendia aos interesses do Estado. Para ele, isto significou decadência de uma cultura autêntica.

Neste sentido, o jovem Nietzsche encontrou, provisoriamente, na filologia uma possibilidade pedagógica e hermenêutica de leitura dos clássicos. A filologia possibilitou uma aproximação crítica da Antiguidade, inclusive dos textos bíblicos. Por outro lado, forneceu uma possibilidade de recuperar a grandeza da língua alemã ao negar o “jornalismo” enquanto forma autêntica de expressão. Isto exerceu uma grande atração sobre o jovem Nietzsche: ofereceu-lhe uma via de formação pessoal, a um só tempo, complementar ao universalismo de Pforta e alternativa à teologia que queriam que tivesse continuado a estudar em Bonn para tornar-se pastor como seu pai e avô. Assim, seguiu Ritschl para Leipzig (1865) e aos poucos adquiriu autoridade na disciplina, tornando-se logo professor e doutor em filologia clássica (1869). Mas essa já é outra história!

### Referências

- NIETZSCHE, F. *Écrits Autobiographiques. 1856-1869*. Trad. Marc Crépon. Paris: Presses Universitaires de France, 1994. p. 16.
- JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche* vol. 1: Infância y juventud. Trad. Para o espanhol de Jacobo Muñoz. Madrid: Alianza Editorial, 1978. p. 47.
- NIETZSCHE, F. *Correspondência*. Trad. Felipe González Vicen. Madrid: Aguilar, s/d.
- NIETZSCHE, F. *Correspondance I Juin 1850- avril 1869*. Textes établis par Giorgio Colli et Mazzino Montinari. Paris: Gallimard, 1986. Cartas 389 e 392. À Franziska et Elisabeth Nietzsche: 16 e 19 de outubro de 1863.
- SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche: biografia de uma tragédia*. Trad. Lya Luft.

Hélio Sochodolak

São Paulo: Geração Editorial, 2001. p. 325-327

NIETZSCHE, F. Sur l'avenir de nos établissements d'enseignement. In: *Écrits posthumes 1870-1873*. Textes e variants établis par G. Colli et M. Montinari. Traduits de l'allemand par Jean-Louis Backes, Michel Haar et Marc B. de Launay. Paris: Gallimard, 1975.

SOCHODOLAK, Hélio.

NIETZSCHE, F. *Correspondance II Avril 1869-décembre 1874*. Textes établis par Giorgio Coli et Mazzino Montinari. Trad. De Jean Bréjoux et Maurice de Gandillac. Paris: Gallimard, 1986. Carta 300. A Rohde: 22 de março de 1873.

NIETZSCHE, F. *A genealogia da moral*. Trad. Carlos José de Meneses. Lisboa: Guimarães editores, 1983. p. 16.

NIETZSCHE, F. *Aurora*. Trad. Rui Magalhães. Porto: Rés, 1977. p. 11.

NIETZSCHE, F. *Considérations inactuelles II*. In: *Considérations inactuelles I et II*. Trad. de l'allemand par Pierre Rusch. Paris: Gallimard, 1990.

SOCHODOLAK, Hélio *Um homem em luta com o seu tempo: Nietzsche e a história na Segunda Intempestiva*.

LACOUÉ-LABARTHE, Philippe. "Histoire et mimesis". In: *L'imitation des modernes*. Paris: Galilée, 1986. Conferência: três de março de 1983.

JANZ, Curt Paul. *Nietzsche*. Traduit de l'allemand par Pierre Rusch. Paris: Gallimard, 1984. vol. 2. p. 30.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

NIETZSCHE, F. *O livro do filósofo*. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. 3 ed. São Paulo: Centauro, 2001.

## **Significados da leitura para o jovem Nietzsche**

Hélio Sochodolak

**Resumo:** Com base em vários indícios, procuramos montar um quadro sobre algumas representações que o jovem Nietzsche fez sobre o ato de ler e de escrever. Observa-se que tais representações, a princípio marcadas por objetivos bem pessoais, vão adquirindo um significado político e contestatório para com as formas de ler, ensinadas na Alemanha da segunda metade do século XIX.

**Palavras-chave:** Leitura; jovem Nietzsche; história da leitura.

**Abstract:** On the basis of some indications we tried to mount a picture of some representations that the young Nietzsche made on the act of reading and writing. It is observed that such representations, initially marked by very personal objectives, acquired a political and contestatory meaning regarding the forms of reading taught in Germany during the second half of the 19th Century.

**Key words:** Reading, young Nietzsche, history of reading.

Artigo recebido para publicação em 24/04/2006.

Artigo aprovado para publicação em 30/07/2006.